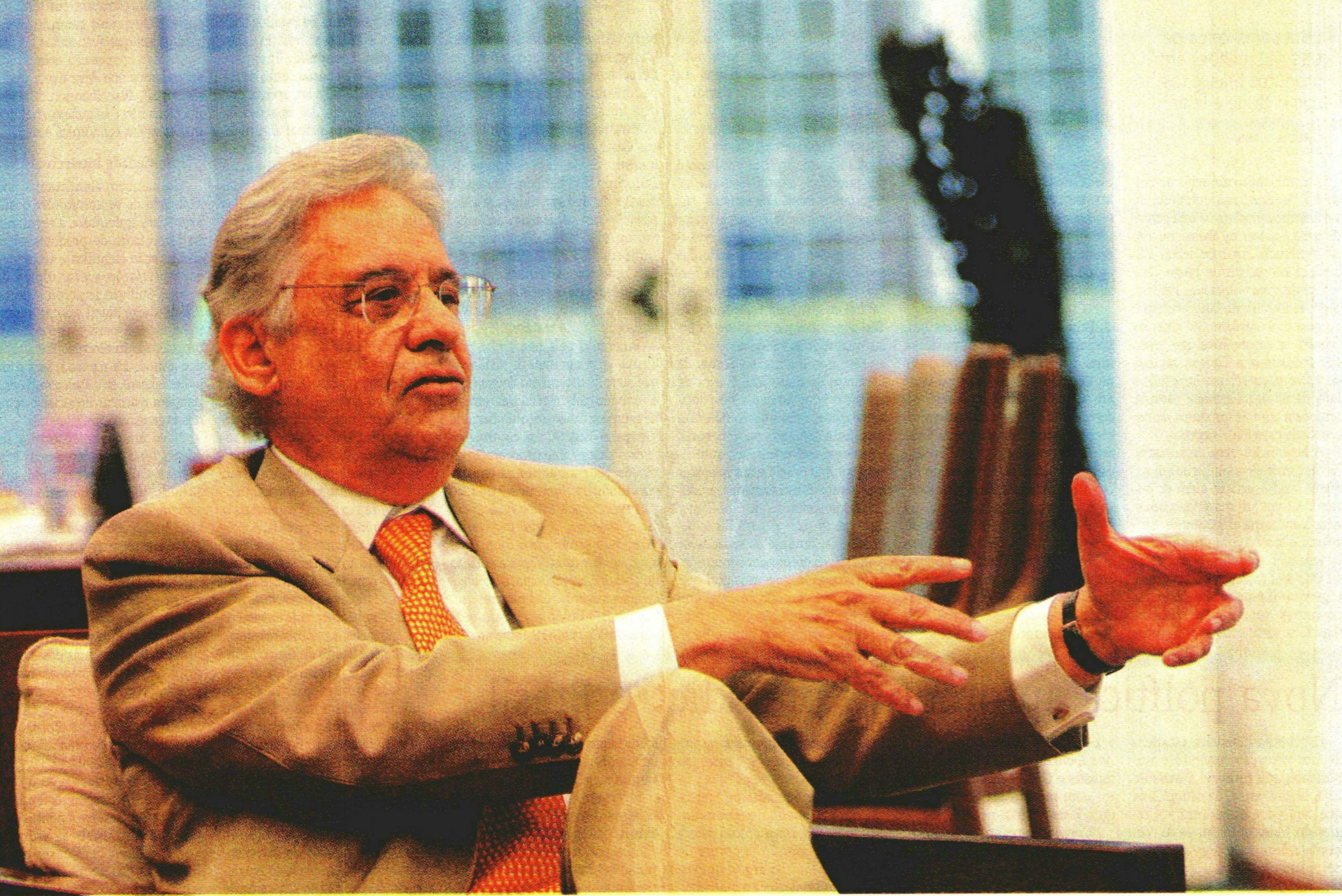


NACIONAL *Cardoso, Fernando H. G. S. Reportagem 0021*

ENTREVISTA **Fernando Henrique Cardoso**

O patriarca comanda a oposição

FOTOS: RODRIGO CAPOTE/GAZETA MERCANTIL



FHC no novo gabinete e em um novo papel: a entrevista de mais de duas horas foi interrompida três vezes para que o chefe se informasse sobre a votação no Senado que enterrou a CPMF

SANDRA NASCIMENTO, MARCELLO D'ANGELO E AUGUSTO NUNES SÃO PAULO

Fernando Henrique Cardoso fica sempre muito parecido com o que é ou o que faz. O professor da USP, por exemplo, dava aulas com a segurança de quem, no primeiro dia de vida, ensinara o bebê ao lado a não cair do berço. O senador cinquentão incorporou as olheiras de quem estava sem dormir desde o século anterior, em vigília pelo Brasil.

O ministro das Relações Exteriores, pelo figurino e pelos modos refinados, parecia ter aprendido a nadar com os cisnes do Itamaraty. O ministro da Fazenda discorria sobre questões econômicas com o desembarço de quem, no colégio, precisara de alguns segundos para decifrar qualquer enigma da matemática.

Para assimilar o jeito de presidente da República, bastou-lhe subir pela primeira vez a rampa do Palácio do Planalto. Oito anos depois, pela mão contrária, fez de derradeira travessia com a expressão de quem já entrara para a História, mas continuava apaixonado pela vida. Hoje, esse personagem convive com o último fruto da fascinante metamorfose.

Sempre o último a sacar o cheque na hora da conta

Fernando Henrique tenta desfilar, mas é sovinia", diz um amigo que o conhece ainda na juventude. "É exagero", sorri o ex-presidente. "Só não sou perdulário. Não gosto de desperdiçar". Na mesa do restaurante, FHC é sempre o primeiro a levar a mão ao coldre das palavras quando vislumbra um duelo intelectual. É sempre o último a sacar o talão de cheques quando vislumbra um garçom trazendo a conta.

Até deixar a presidência, seu patrimônio praticamente se restringiu ao apartamento na Rua Maranhão, no bairro de Higienópolis, comprado quando ainda era professor da USP. O que sobrou notavelmente foi a renda mensal, anabolizada por palestras e conferências no Brasil e no Exterior.

Cada uma lhe rende, em média, US\$ 50 mil. Nem por isso o setentão bem de vida hoje se oferece para pagar o cafezinho.

DECLARAÇÃO DE BENS E DIREITOS - IRPF 1997 (valores em reais)			
Discriminação	Cód. do bem	31/12/96	31/12/97
Apto. Rua Maranhão (São Paulo-SP)	11	342.997,34	421.919,51
Gleba com 7.000 m² com casa rural (Itabuna-SP)	13	119.833,00	220.121,23
2 Linhas telefônicas	26	6.316,42	7.735,08
Quantum 1997 e Parati 1997	21	17.995,00	43.734,00
Lotte de quadros e gravuras	25	119.833,00	166.747,49
Biblioteca especializada com 6.000 volumes	25	71.899,80	88.064,49
Agro. Córrego da Ponte Limitada - 199,28 - 3,89 quotas	32	43.878,98	52.509,59
Saldo cad poupança Banco Itaú SA	41	292,76	73.060,32
Caderneta de poupança Banco do Brasil SA	43	5.672,34	50.865,16
Crédito junto a Beatriz Cardoso	51	15.865,66	0,00
Diversos		6.592,62	121.675,52
Total		1.042.524,16	1.226.436,98

Gazeta Mercantil — Ainda se discute a paternidade do Plano Real. O senhor pode provar que o filho é seu?

O Plano Real se chamava Plano FHC, quando eu era ministro da Fazenda (sorr). Não foi feito por mim, mas fui o líder do Plano Real, na época em que ocupei o Ministério da Fazenda. Qual era o objetivo essencial do plano? A estabilização da economia. E como se estabiliza a economia? É algo muito complicado, e eventualmente exige algumas ações espetaculares, como a criação da URV, a mudança da moeda... (Ouve-se o toque do telefone sem fio na mesa ao lado de FHC. Do outro lado da linha, o senador Artur Virgílio, líder do PSDB no Senado, transmite prognósticos sobre a iminente votação da prorrogação da CPMF)

GZM — O senhor falava da mudança da moeda...

Sim. O Plano Real foi parte do projeto destinado a reorganizar a estrutura financeira do país. A estabilização econômica resultou de um processo longo. Começou quando eu era ministro da Fazenda e continuou durante meu primeiro mandato na Presidência. Só depois de cinco, seis anos ficou claro que tínhamos o controle da situação. Primeiro, tivemos de renegociar a dívida externa. Muitos se esquecem de que o país estava em moratória, decretada durante o governo Sarney. Houve muitas dificuldades. O FMI não aceitou as premissas do Plano Real. Eu tive uma conversa com Michel Camdessus, diretor-geral do fundo. Camdessus escreveu uma carta pessoal aos banqueiros, informando que, apesar da recusa do Fundo, ele confiava em nós. Depois, procurei Larry Summers, vice-secretário do Tesouro americano. "O senhor ganhou", disse-me Summers, que perguntou se eu seria presidente da República. Eu não havia pensado nisso, acreditem...

GZM — Foi a primeira vez que o senhor ouviu isso?

Foi. Fiquei sabendo que tanto Summers quanto Camdessus achavam que eu poderia ser candidato a presidente. Foi para Nova York, onde as negociações prosseguiram em outubro de 1993. Em dezembro de 1993, nós já tínhamos prontas as linhas gerais do que seria o Plano Real. Portanto, foi o resultado do trabalho de uma equipe, formada por Clóvis Carvalho, Pedro Malan, André Lara Resende, Pécio Arida, Edmar Bacha e Gustavo Franco, que resolvia as questões mais difíceis — por exemplo, como evitar contestações judiciais. Isso demorou meses, sem que houvesse vazamentos. Quase desisti em fevereiro. Estava cansado de enfrentar resistências em várias áreas do governo, do ministro que representava os militares ao ministro do Trabalho, por causa dos salários.

GZM — Qual foi o papel do presidente Itamar Franco?

Ele sempre ficou do meu lado. Talvez não entendesse todos os detalhes, mas ajudou muito.

GZM — Quem teve a idéia de levantar a bandeira da estabilização da moeda?

Eu era ministro das Relações Exteriores e estava fora do país quando fui nomeado ministro da Fazenda. No avião, enquanto pensava no que diria no discurso de posse, lembrei-me de uma conversa que havia tido com José Serra. E afirmei que o Brasil tinha três problemas a resolver com urgência. O primeiro é a inflação. O segundo é a inflação. O terceiro é a inflação. E disse que acabaria com a inflação. Também afirmei que a economia brasileira estava bem, as empresas estavam bem. O problema era o Estado. Por tudo isso, considero uma piada colocar em dúvida a paternidade do Plano Real.

GZM — E quem teve a idéia de criar a URV?

Creio que a idéia foi do Pécio Arida. Mas a engenharia deve ser creditada também a Edmar Bacha e André Lara Resende.

GZM — Quem negociou? Foi o senhor?

Eu estava na parte política, af eu já era presidente... quem negociava era o Clóvis Carvalho, o Pedro Parente, e o Murilo Portugal... levou anos, tivemos que mudar a Constituição. Em segundo lugar tivemos que colocar em ordem os bancos que, com o fim da inflação precisavam se ajustar. Aí fizemos o Proer, que foi a salvação, dos sistema financeiro, não dos bancos, isso foi em novembro de 1995...

GZM — E no segundo mandato?

No segundo mandato o que foi feito de importante nessa área foi, por pressão do mercado, o câmbio flutuante e a introdução das metas inflacionárias, sistema que está em vigência até hoje... e a Lei de Responsabilidade Fiscal, que é do ano 2000.

GZM — E quem teve a idéia de criar a URV?

Creio que a idéia foi do Pécio Arida. Mas a engenharia deve ser creditada também a Edmar Bacha e André Lara Resende.

GZM — E sabe-se que Itamar costumava ligar para saber, por exemplo, o que era a URV.

Ele não tinha idéia do que se tratava.

GZM — Qual foi o erro do Plano Real?

Foi muito frouxo fiscalmente, deram aumento de salários, houve uma explosão de consumo, como aconteceu também com o Real; até hoje não chegamos aos níveis de aumento de consumo como daquele período, nem agora com essa retomada atual. Se você vai no embalo do aumento de consumo, traz a inflação de volta...

GZM — E o PIB não foi maior no segundo mandato?

Nós renegociamos a dívida externa, agora era a vez de renegociar as dívidas dos estados, uma coisa complicada...

GZM — Complicada até com os governadores do PSDB...

Sobretudo, porque eram os grandes estados, Minas e São Paulo, os dois eram contra, não entendiam o processo...



GZM — Esse modelo de concessão parece ser antagônico, mas é uma evolução da privatização...

Ao longo do processo a gente precisa ver os resultados... nós não fizemos privatização do setor elétrico, fizemos na distribuição, mas não na geração. Agora eles fizeram esse leilão com sistema de tarifa baixa, é preciso ver o que vai acontecer, qual vai ser a tarifa e o que significa isso, porque isso foi na parte cativa da tarifa, quanto é que vai ter de ser o valor da parte livre da tarifa para poder compensar preços tão baixos? Ou será que eu vou aditar e ver as tarifas mais adiante? Mas é um fato positivo... o que tem de novo é que as empresas estatais voltaram a investir, estão se associando a quem vai vencer, elas pré-definem o vencedor, porque com uma estatal forte por trás sua chance de vencer é maior. Não acho isso errado em si, desde que haja competição, pode haver um setor estatal, desde que ele funcione como empresa. Vai haver ou não interferência do governo? Está se montando de novo uma musculatura estatal, de uma forma curiosa, como os fundos de pensão

GZM — Mas ela não onera demais a cadeia produtiva? É cobrada em cascata, até mesmo sobre o pagamento de outros impostos...

O certo seria manter a CPMF até ser feita a reforma tributária. Sem a reforma tributária, se cair R\$ 40 bilhões agora, é uma confusão grande... o que eles vão ter de fazer? Aumentar o IOF, eu fiz isso, quando a prorrogação não foi aprovada em 1998...

GZM — Mas presidente, o crescimento da arrecadação neste ano já foi o valor da CPMF...

Eu sei, esse é o argumento de que talvez não seja necessário. Então o governo precisa mostrar essa necessidade.

GZM — E a DRU precisa acabar? Quando ela começou?

Antes do meu governo, mas foi eu quem fiz, quando era ministro. Para acabar a DRU (Desvinculação de Recursos da União) precisa de reforma tributária. Naquela época tudo era vinculado no governo. Do jeito que estava não se governava. A DRU significa liberar 20% das verbas vinculadas. O fim da CPMF e da DRU será um problema macro...

GZM — No governo Itamar eram 1,8 mil os funcionários do Planalto, com o senhor caiu para 1,1 mil e agora sobiu para 3,3 mil. Como o senhor conseguiu reduzir?

Primeiro não nomear de novo, não preencher as vagas que surgem, segundo não entupir o Palácio de DAS (cargos de confiança) e terceiro mandar as pessoas ao seu órgão de origem. É preciso contratar mais médicos e professores, mas é isso que está se fazendo? São pequenas economias que no futuro têm efeito grave, porque são despesas permanentes. Os aumentos dos gastos correntes anuais são o dobro do PIB, estão se comprometendo o futuro com isso...

GZM — Qual a avaliação que o senhor faz do ministro Guido Mantega? O senhor esperava mais dele?

Não. Ele trabalhou comigo, mas não me surpreendeu...

GZM — E a avaliação faz do fato de o país crescer numa velocidade aquém dos seus colegas de Brics (grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China)? Por que o Brasil não aproveitou o bom momento de expansão mundial?

Eu acho a sociedade brasileira muito forte. O nosso problema é o Estado, a nossa política é tradicional, com favores, o Estado atrapalha. A sociedade é muito forte e as coisas vão sendo feitas a despeito de tudo isso, ela é tão forte que quando o PT chega ao poder todas as idéias que tinham sido esquecidas e se ajustam à sociedade e - quem está se apropriar das que não eram

GZM — Qual a avaliação que o senhor faz do ministro Guido Mantega? O senhor esperava mais dele?

Não. Ele trabalhou comigo, mas não me surpreendeu...

GZM — E a avaliação faz do fato de o país crescer numa velocidade aquém dos seus colegas de Brics (grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China)? Por que o Brasil não aproveitou o bom momento de expansão mundial?

Eu acho a sociedade brasileira muito forte. O nosso problema é o Estado, a nossa política é tradicional, com favores, o Estado atrapalha. A sociedade é muito forte e as coisas vão sendo feitas a despeito de tudo isso, ela é tão forte que quando o PT chega ao poder todas as idéias que tinham sido esquecidas e se ajustam à sociedade e - quem está se apropriar das que não eram

GZM — E a avaliação faz do fato de o país crescer numa velocidade aquém dos seus colegas de Brics (grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China)? Por que o Brasil não aproveitou o bom momento de expansão mundial?

Eu acho a sociedade brasileira muito forte. O nosso problema é o Estado, a nossa política é tradicional, com favores, o Estado atrapalha. A sociedade é muito forte e as coisas vão sendo feitas a despeito de tudo isso, ela é tão forte que quando o PT chega ao poder todas as idéias que tinham sido esquecidas e se ajustam à sociedade e - quem está se apropriar das que não eram

Com os fundos de pensão dominados pelo partido, logo o maior capitalista do Brasil será o PT



problema é que o governo foi arrogante e não fez o que a sociedade quer, um plano de contenção de gastos públicos...

GZM — Por que ela continua necessária?

Porque ela arrecada R\$ 40 bilhões e é muito fácil de arrecadar. É um instrumento tranquilo de arrecadação...

GZM — Mas ela não onera demais a cadeia produtiva? É cobrada em cascata, até mesmo sobre o pagamento de outros impostos...

O certo seria manter a CPMF até ser feita a reforma tributária. Sem a reforma tributária, se cair R\$ 40 bilhões agora, é uma confusão grande... o que eles vão ter de fazer? Aumentar o IOF, eu fiz isso, quando a prorrogação não foi aprovada em 1998...

GZM — Como o senhor vê o fator China?

A China, se ela não se desorganizar, poderá ter um efeito positivo por muito tempo. O que aconteceu agora nos EUA foi muito grave, mas o efeito nem tanto, a economia americana continua crescendo e a China tem algo a ver com isso, não sei até quando. Agora enfrentamos um dilema: qual é a nossa visão de futuro? O Brasil vai ter que definir uma nova estratégia de desenvolvimento e terá de escolher onde vai competir. Como resolver a questão do câmbio. O Brasil tem que começar a pensar nos próximos 20 anos, o que implica uma política muito mais agressiva de ciência e tecnologia por exemplo. Esses são os verdadeiros problemas do Brasil, isso vai requerer reforma tributária de novo, não dá para competir sem um sistema mais justo, não vamos avançar se não houver uma reforma na área trabalhista.

GZM — E a DRU precisa acabar? Quando ela começou?

Antes do meu governo, mas foi eu quem fiz, quando era ministro. Para acabar a DRU (Desvinculação de Recursos da União) precisa de reforma tributária. Naquela época tudo era vinculado no governo. Do jeito que estava não se governava. A DRU significa liberar 20% das verbas vinculadas. O fim da CPMF e da DRU será um problema macro...

GZM — No governo Itamar eram 1,8 mil os funcionários do Planalto, com o senhor caiu para 1,1 mil e agora sobiu para 3,3 mil. Como o senhor conseguiu reduzir?

Primeiro não nomear de novo, não preencher as vagas que surgem, segundo não entupir o Palácio de DAS (cargos de confiança) e terceiro mandar as pessoas ao seu órgão de origem. É preciso contratar mais médicos e professores, mas é isso que está se fazendo? São pequenas economias que no futuro têm efeito grave, porque são despesas permanentes. Os aumentos dos gastos correntes anuais são o dobro do PIB, estão se comprometendo o futuro com isso...

GZM — Qual a avaliação que o senhor faz do ministro Guido Mantega? O senhor esperava mais dele?

Não. Ele trabalhou comigo, mas não me surpreendeu...

GZM — E a avaliação faz do fato de o país crescer numa velocidade aquém dos seus colegas de Brics (grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China)? Por que o Brasil não aproveitou o bom momento de expansão mundial?

Eu acho a sociedade brasileira muito forte. O nosso problema é o Estado, a nossa política é tradicional, com favores, o Estado atrapalha. A sociedade é muito forte e as coisas vão sendo feitas a despeito de tudo isso, ela é tão forte que quando o PT chega ao poder todas as idéias que tinham sido esquecidas e se ajustam à sociedade e - quem está se apropriar das que não eram

GZM — E a avaliação faz do fato de o país crescer numa velocidade aquém dos seus colegas de Brics (grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China)? Por que o Brasil não aproveitou o bom momento de expansão mundial?

Eu acho a sociedade brasileira muito forte. O nosso problema é o Estado, a nossa política é tradicional, com favores, o Estado atrapalha. A sociedade é muito forte e as coisas vão sendo feitas a despeito de tudo isso, ela é tão forte que quando o PT chega ao poder todas as idéias que tinham sido esquecidas e se ajustam à sociedade e - quem está se apropriar das que não eram

GZM — E a avaliação faz do fato de o país crescer numa velocidade aquém dos seus colegas de Brics (grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China)? Por que o Brasil não aproveitou o bom momento de expansão mundial?

Eu acho a sociedade brasileira muito forte. O nosso problema é o Estado, a nossa política é tradicional, com favores, o Estado atrapalha. A sociedade é muito forte e as coisas vão sendo feitas a despeito de tudo isso, ela é tão forte que quando o PT chega ao poder todas as idéias que tinham sido esquecidas e se ajustam à sociedade e - quem está se apropriar das que não eram

GZM — E a avaliação faz do fato de o país crescer numa velocidade aquém dos seus colegas de Brics (grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China)? Por que o Brasil não aproveitou o bom momento de expansão mundial?

Eu acho a sociedade brasileira muito forte. O nosso problema é o Estado, a nossa política é tradicional, com favores, o Estado atrapalha. A sociedade é muito forte e as coisas vão sendo feitas a despeito de tudo isso, ela é tão forte que quando o PT chega ao poder todas as idéias que tinham sido esquecidas e se ajustam à sociedade e - quem está se apropriar das que não eram



exercer um fascínio grande. Então a nossa situação ficou mais perigosa, isso requer algum cuidado das forças armadas, mas eu não acho que a Venezuela está se preparando para vir contra o Brasil, na cabeça deles o inimigo é o Norte...mas isso não quer dizer que o Brasil tenha de fechar os olhos, pois é negativo já que vai nos obrigar a um esforço militar, gastos que vão pesar...

GZM — Como o senhor vê a idéia do Banco do Sul?

O Banco do Sul é uma idéia de guerra contra o Norte. Para que o Banco do Sul? Eu não vejo lógica, é político. Veja o Banco Mundial ficou frágil e o FMI vai cortar 15 mil funcionários. As grandes estruturas mundiais estão muito pobres.

GZM — Quais as medidas práticas que o governo brasileiro poderia tomar agora?

A primeira medida que eles deveriam tomar não tomaram, que era destravar a infraestrutura. Levaram um tempo com a PPP (Perceria Público Privada) e não tem nenhuma PPP não sabe qual o modelo do Rio Madeira... mas tem certas coisas que dependem não só de investimento mas também de regulação pública, é o gargalo que pode nos atrapalhar. E fizeram pior, politizaram as agências reguladoras...

GZM — Na política cambial... hoje eu tenho dúvidas, a não ser medidas de contenção, que também não funcionam. Você pode fazer o quê? Baixar os juros, mas acho que o Banco Central tem mesmo de olhar a expansão dos gastos públicos e do crédito. Do jeito que está, automáticos com 96 meses de prazo e gastos públicos em expansão, como é que o BC vai baixar as taxas de juros? Ou não baixar as taxas, adiciona uma pressão maior ao câmbio...

GZM — No 3º trimestre o PIB cresceu 5,7% e muitos apostam num crescimento superior a 7% em 2007. O Sr. acha possível sustentar esse ritmo?

Isso vai depender do mundo. Se mantido o atual ímpeto exportador e a expansão de crédito no mundo, eu acho que continua. Eu não sou daqueles que acham que tem de crescer 7%, 8%. O Brasil não tem infraestrutura para isso. Mas eu também não sei se é dramático o Brasil crescer 5% em 10 anos. Tem de aproveitar que está bem para corrigir o que não está bem. O Brasil precisa de grandza, olhar quais as medidas que temos que tomar para daqui 20 anos, agora temos que pensar mais a longo prazo. Os chineses têm uma vantagem que é o tempo. O calendário político deles é dividido em gerações, e eles avaliam quais os funcionários que devem continuar ou voltar para casa...

GZM — O PSDB tem um programa de governo?

Quem está na oposição não precisa ter programa de governo, tem que ter posição política. Eu acho que precisamos criar uma visão de mais longo prazo, e o governo atual não propôs nada, perdeu a visão que tinha porque viu que não dava, era equivocada, e fica fazendo o que nós tínhamos desenhado cuspidando em cima... tem que fazer novas coisas, dar novos passos mas, enfim, é fácil falar sobre os outros.

GZM — O PSDB tem um programa de governo?

Quem está na oposição não precisa ter programa de governo, tem que ter posição política. Eu acho que precisamos criar uma visão de mais longo prazo, e o governo atual não propôs nada, perdeu a visão que tinha porque viu que não dava, era equivocada, e fica fazendo o que nós tínhamos desenhado cuspidando em cima... tem que fazer novas coisas, dar novos passos mas, enfim, é fácil falar sobre os outros.

GZM — O PSDB tem um programa de governo?

Quem está na oposição não precisa ter programa de governo, tem que ter posição política. Eu acho que precisamos criar uma visão de mais longo prazo, e o governo atual não propôs nada, perdeu a visão que tinha porque viu que não dava, era equivocada, e fica fazendo o que nós tínhamos desenhado cuspidando em cima... tem que fazer novas coisas, dar novos passos mas, enfim, é fácil falar sobre os outros.

GZM — O PSDB tem um programa de governo?

Quem está na oposição não precisa ter programa de governo, tem que ter posição política. Eu acho que precisamos criar uma visão de mais longo prazo, e o governo atual não propôs nada, perdeu a visão que tinha porque viu que não dava, era equivocada, e fica fazendo o que nós tínhamos desenhado cuspidando em cima... tem que fazer novas coisas, dar novos passos mas, enfim, é fácil falar sobre os outros.

GZM — O PSDB tem um programa de governo?

Quem está na oposição não precisa ter programa de governo, tem que ter posição política. Eu acho que precisamos criar uma visão de mais longo prazo, e o governo atual não propôs nada, perdeu a visão que tinha porque viu que não dava, era equivocada, e fica fazendo o que nós tínhamos desenhado cuspidando em cima... tem que fazer novas coisas, dar novos passos mas, enfim, é fácil falar sobre os outros.



O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso recebe os jornalistas Sandra Nascimento, Marcello D'Angelo e Augusto Nunes no instituto que leva o seu nome, no centro da capital paulista